

## HISTÓRICO CULTURAL E A BIODIVERSIDADE DAS COMUNIDADES INDÍGENAS E CAMPONESAS

### CULTURAL HISTORY AND BIODIVERSITY IN INDIGENOUS AND PEASANT COMMUNITIES

**DIEGO GONÇALVES FREITAS**

Discente da Especialização em Cultura, Diversidade e Meio Ambiente - UEG/Câmpus  
Quirinópolis  
diegochocopinho@hotmail.com

**LUCY GOMES GOULART**

Discente da Especialização em Cultura, Diversidade e Meio Ambiente - UEG/Câmpus  
Quirinópolis  
lucy-goulart@bol.com.br

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é de evidenciar movimentos importantes que ocorreram durante a história da civilização, a fim de lutarem por garantir seus direitos e manterem suas tradições locais e características. A metodologia empregada foi de revisão bibliográfica de todo o conteúdo visto na disciplina de especialização em Meio Ambiente, Cultura e Turismo, destacando os seguintes autores Scott (1985, 1998), Woortmann (1987), Holanda (1994), entre outros que contribuíram, em suas obras, com uma riqueza de informações importantes e fundamentais para construção de um conhecimento sobre os assuntos abordados, como resistência, campesinidade, lutas territoriais, miscigenação. Também foi importante a pesquisa de campo realizada durante aula de campo na região de Pedra lisa, onde vivenciamos um pouco da realidade da campesinidade e a permanência de suas tradições, apesar das interferências provenientes da tecnologia presente também na vida no campo. Com isso, este texto procura enfatizar que esses povos e suas culturas são significativos para todos nós, pois eles são detentores de conhecimento tradicional e de uma identidade que não se pode perder com o tempo, a mesma dever ser perpetuada.

**Palavras-chave:** Campesinidade. Biodiversidade. Resistência.

**Abstract:** This paper aims at highlighting important movements that took place throughout the civilization history, so as to fight to ensure their rights and maintain their typical and local traditions. The methodology used was based on a bibliographic review of the content taught in the specialization discipline entitled Environment, Culture and Tourism, emphasizing the following authors: Scott (1985, 1998), Woortmann (1987), Holanda (1994), among others, who contributed in their works providing a wealth of important and fundamental information in order to build knowledge on the topics studied such as resistance, peasantry, territorial fights, cultural blends. The field research carried out during the field class in the Pedra Lisa area was also important, where we experienced a little of peasantry and the permanence of their traditions, despite the interference stemming from technology, which is also present in the countryside life style. Thus, this text seeks to emphasize that these peoples and cultures are significant for all of us, because they possess traditional knowledge and an identity that cannot be lost in time, should be perpetuated.

**Keywords:** Peasantry. Biodiversity. Resistance.

## INTRODUÇÃO

O presente documento é um produto de esclarecimento e revisão da disciplina intitulada Meio Ambiente, Cultura e Turismo do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* oferecido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Câmpus Quirinópolis, e foi elaborado de acordo com o conteúdo visto e pesquisa de campo, mais especificamente o histórico cultural e a biodiversidade das comunidades indígenas e camponesas.

Neste sentido, o presente trabalho tem o objetivo de realizar uma breve retrospectiva do conteúdo discutido na disciplina, apresentando as principais características dos conteúdos vistos e o que compreendemos a respeito do conteúdo aplicado.

A metodologia empregada é a revisão bibliográfica do conteúdo estudado, revendo conceitos, afirmações e pontos de vista de diversos autores. Com isso, são apresentadas discussões acerca dos tópicos estudados, incluindo uma aula de campo que realizamos na região de Pedra Lisa, no município de Quirinópolis, onde tivemos a oportunidade de conhecer uma comunidade que ainda mantém sua cultura tradicional – como a Festa de Reis que é realizada todo ano na comunidade, sendo bastante conhecida por essa tradição.

## A REGIÃO DA PEDRA LISA EM QUIRINÓPOLIS (GO): AULA DE CAMPO E ABORDAGENS

Debates e novas pesquisas inspiram os estudos de camponeses para abarcar formas de resistências urbanas para a mudança social das classes dominantes, nas mentes dos subalternos e os processos simbólicos da resistência. Scott (1998) enfatiza os conhecimentos e entendimentos e as práticas locais, enraizados no espaço e no tempo, em sua obra se encontra um respeito profundo aos camponeses e uma suspeita aos que querem lhes explorar e administrar para o seu próprio bem. Ele apresenta evidencia da sua importância inclusive na formação dos entendimentos e dos repertórios de ação que se encontram nas grandes explosões sociais, o importante é entender as complexidades e contradições da resistência cotidiana. O método de Scott enfatizando os transcritos públicos e os escondidos deve ser combinado com uma teoria mais sofisticada da ação para estudar a resistência e suas consequências em situações complexas e indiretas.

Para Bourdieu (1962), quando as pessoas vivem em um contexto social igual ao que produziu seu hábito, elas tomam as estruturas desse contexto como naturais e inquestionáveis, as disposições e esquemas internalizados de percepção e ação, que são transponíveis entre situações homólogas. E ao mesmo tempo ao conciliar estes processos que viabiliza o valor por essa lógica, o Bioma que vai sendo destruído impactando, a uma só vez, a sua biodiversidade e os sujeitos que, conforme a sua cultura, desenvolvem usos das espécies do Cerrado para a reprodução de sua vida e de sua cultura. Sendo assim, esse sujeito se vê alterado a sua substância simbólica na mesma ordem que os ambientes que a permitiam reproduzir.

Dispusemos de uma aula de campo na região de Pedra Lisa, onde tivemos a oportunidade de vivenciar vários aspectos da região, como por exemplo, o fato do nome do local ter se originado devido a um córrego chamado Pedra Lisa. Assim como o Bebedouro, ambos passam pela região e possuem várias rochas escorregadias, denominadas popularmente de pedras lisas, fazendo com que o topônimo seja perpetuado até os dias atuais. O local é bastante conhecido por realizar a tradicional festa de Folia de Reis, e também de vários forrós que acontecem na venda do Sr. Zé Major – atraindo um grande número de pessoas tanto do próprio lugar como de regiões vizinhas, incluindo a cidade de Quirinópolis, tornando-se, assim, um ponto de lazer da região.

Verificamos que a comunidade constitui-se basicamente de parentes próximos. Apesar de eventuais desentendimentos, eles procuram agir em um clima de cooperação.

A questão religiosa se destaca na comunidade, contando com a presença de católicos e espíritas. Eles se reúnem independentemente em um clima de devoção e de respeito ao próximo, no intuito de adorar o sagrado sem distinção.

A região de Pedra Lisa possui muitos recursos hídricos e uma considerável biodiversidade. Observamos a interferência humana negativa na região, tanto pelos próprios moradores, como, principalmente, por meio da monocultura de cana de açúcar, que degradou muito o meio ambiente, alterando até mesmo seus cursos de água e a qualidade de vida da população local.

Alguns moradores reconhecem a importância da natureza e da sua biodiversidade, e notam os impactos causados em sua região. Outros, por sua vez, contribuem com a degradação, já que não possuem consciência de preservação ambiental. Todos concordam

que, em alguns meses do ano (como em outubro e novembro), existe a necessidade de racionamento de água – fato que não ocorria devido à fartura de recursos hídricos da região.

Suas casas são ornamentadas com produtos rústicos e artesanais, alguns provenientes da própria natureza, o que torna o local mais atrativo devido à cultura tradicional que eles tentam resguardar. No entanto, notam-se traços de tecnologia em suas moradias.

No local, existe a fabricação de cachaça artesanal, produto fabricado majoritariamente para o próprio consumo dos moradores. O que resta é destinado para a venda.

Tal comunidade mantém os costumes tradicionais de várias épocas, em uma perspectiva de resistência, como descreve Scott (1998), que trata do conceito e prática da dominação e resistência no cotidiano. O referido autor propõe que o cultivo de várias espécies agrícolas em determinada região (característica essa de culturas tradicionais) são mais sustentáveis e resistentes às pragas, em comparação com a monocultura, dispensando-se, assim, também o uso indiscriminado de agrotóxicos.

Houve rebeliões durante a depressão de 1930 na Birmânia e no Vietnã por parte dos camponeses pela luta de preservação dos seus direitos tradicionais reprimidos pelo estado e pela alta sociedade. Os impostos foram aumentados, não levando em consideração a vida dos camponeses (SCOTT, 1998).

Diferentemente de Scott (1998), Popkin (1979) atestava que os camponeses não agiam como uma comunidade visando o bem em comum e que a alta sociedade, juntamente com as lideranças das aldeias, usava seu poder para forçar os pobres a pagarem quase todos os impostos da aldeia, em uma abordagem de exploração. Como consequência, surgia a desigualdade das aldeias e os grandes proprietários de terras, alteravam as leis para controlar as mesmas.

Segundo Popkin (1979), os camponeses seguiriam uma liderança com capacidade de diminuir o poder da alta sociedade de forma a ajudar a todos. Foi o caso dos comunistas que colaboravam com os camponeses através de uma liderança honesta, e domínio organizacional, obtidos a partir da confiança dos camponeses, mais homens e impostos.

Scott (1998) escolheu uma aldeia no fim da década de 1970 para morar por quase dois anos. A aldeia em questão estava passando por divergências relacionadas a um novo projeto de irrigação. Por um lado, seriam realizadas duas colheitas no ano, o que aumentava a

produtividade e diminuía as dificuldades dos pobres em se alimentar. Por outro, havia o desemprego de trabalhadores e o despejo dos pequenos agricultores (pelos grandes proprietários de terras). Fundamentando-se nesta experiência, Scott fundamentou um pressuposto teórico de exaltação intelectual a respeito da resistência cotidiana nos últimos anos. De acordo com ele, a ciência social equivocou-se em ponderar que as organizações formais são as formas mais relevantes de luta social e principal meio de mudança social.

Scott (1985) acredita que a resistência cotidiana frequente é fundamental nos princípios de quaisquer sistemas de dominação e exploração que consideram a forma de relações entre seres humanos que se conhecem. Alguns dos modelos mais proeminentes que esse teórico apresenta como força de resistência cotidiana é a resistência ao Estado, especialmente a sonegação de impostos e a deserção de soldados.

O autor denomina o conceito de “transcrito público” como a relação cotidiana entre poderosos e dominados, cerimoniais e apresentações oficiais, correspondendo com este tipo de transcrito estão os “transcritos escondidos” dos dominadores e subordinados o que eles expressam a respeito das relações de dominação (SCOTT, 1985).

Ele também procura encontrar uma divergência maior entre esses dois tipos de transcritos, os públicos e os escondidos, salientando particularmente as situações de dominação e exploração claras e diretas e habitualmente pessoais.

Os transcritos públicos reconhecem o poder dos grupos dominantes, e podem originar uma impressão de poder dos dois lados, a impressão do grupo dominante e a impressão entre os subalternos que a resistência aberta seria inútil. Já os transcritos escondidos tanto dos dominantes quanto dos subordinados são objetos de espaços resguardados nos quais se pode falar abertamente sobre as relações de dominação e as suas ideias a respeito do outro lado. Desse modo, Scott (1985) discute mais o “transcrito escondido” dos subalternos que, em suas palavras, é mais difícil para o pesquisador estudar e que auxilia a compreender a resistência do cotidiano e as explosões sociais.

É pelo transcrito escondido que as pessoas desenvolvem noções contestativas da realidade social e estruturam a resistência cotidiana, mostrando que elas, em pequenos grupos, podem ser tão importantes na mudança social quanto em grandes movimentos organizados. Estudos de cultura popular e de interações cotidianas são fundamentais para compreender como a dominação ocorre e como é possível resistir.

Scott (1985) ignora a indeterminação da resistência, evidenciando o domínio claro e acentuado, sem abordar a resistência em situações de dominação complexa. O fundamento de dominação é entendido como algo externo aos agentes humanos, especialmente os subalternos – desconsiderando sua participação na representação da dominação. Diante desta condição, os dominados resistem e se esforçam para controlar sua exploração e manterem sua dignidade.

Em vários casos, essa resistência cotidiana pode fortalecer a estrutura de dominação e ao mesmo tempo abrandar a condição do subordinado. Scott (1985) explica que o transcrito escondido e a resistência cotidiana permanecem importantes nas formas de dominação menos diretas. O transcrito escondido comumente inclui somente uma penetração parcial das situações de dominação, não confirmando as consequências divergentes da resistência cotidiana. Ainda que as conclusões não possam ser generalizadas para as formas de dominação mais sutis, esse método pode ser muito vantajoso para estudar a consciência e a resistência de grupos como trabalhadores rurais.

Woortmann (1987) se ocupa em tratar o termo campesinidade que ele presume ser comum a diferentes lugares e tempos, ele adota a concepção de que a família é um dos principais temas deste trabalho, sendo um valor permanente no tempo. “Campesinidade é qualidade presente em maior ou menor grau em distintos grupos específicos” (WOORTMANN, 1987, p. 13). A campesinidade pode ser estudada em situações menos camponesas de um ponto de vista objetivo. Crises sociais são presumíveis em situações de aprofundados conscientes de valores tradicionais.

Segundo Velho (1972), a frente de expansão é um conteúdo onde são executados valores tradicionais conscientemente, sendo assim a frente de expansão não é uma condição tradicional, mas, sim, é uma circunstância de reconstrução da tradição, onde a campesinidade é um propósito. Velho (1983) discute que na Amazônia coexistem percepções sobre a terra e seu valor de uso, com percepções utilitaristas mercantis em regiões como a Amazônia e Nordeste. Portanto, não se encontram camponeses puros, mas uma campesinidade em estágios distintos de articulação com a modernidade. Diversas manifestações de campesinidade em lugares e momentos diferentes, em circunstâncias culturais privadas, podem ser vistas como modificações de uma matriz básica.

Estavam em exercício duas interpretações contraditórias da relação com a terra: de um lado, a relação de troca, na qual o homem adapta suas necessidades a natureza da terra; do



outro lado, uma relação utilitarista na qual a terra é percebida como objeto de mercadoria, devendo ser modificada para se transformar em objeto de lucro.

Woortmann (1987) passa a utilizar o corpo etnográfico no qual as interpretações seguintes se referem às interpretações do mundo dos camponeses e também as interpretações dessas interpretações. Ele reconhece que só destacou como relevante aquilo que lhe fazia sentido, como por exemplo, a frase que deu título a esse trabalho. Na construção do conceito de camponês, destaca-se um ponto comum: o caráter familiar do trabalho. Percebe-se, portanto, uma ideia marxista de que o trabalho familiar é visto em oposição ao trabalho assalariado, sendo que este é considerado o mais árduo.

Destaca-se uma das características do assalariamento que ele não nega o trabalho familiar. Tem como fundamento suprir as deficiências quantitativas do grupo doméstico e viabilizar o trabalho familiar durante todo o ano (GARCIA JÚNIOR, 1990; SANTOS, 1978). De acordo com Garcia Júnior (1990) o assalariado supre o lugar da mulher e das filhas no roçado, de modo que quanto mais próspero for o agricultor, menor será a utilização da mulher.

Woortmann (1987) afirma que Sítio e Família são expressões que possuem vários significados paralelos, mas que estes unem classes de espaço e parentesco. O sítio intitula um local de reciprocidade, ao passo que o assalariamento mesmo interpretado como ajuda, nunca ocorre no interior de um mesmo sítio, apenas entre sítios diversos.

Mendras (1976) afirma que a comunidade protege o campesinato, por constituir uma ordem moral. No interior do sítio, existe a “troca de tempo” (trabalho), e não o assalariamento. Não se assalaria parentes, mas, sim, uma ajuda mútua. A reciprocidade de parentesco e compadrio são constantes em grupos camponeses.

Segundo Woortmann (1987), foi um negociante de feira que deu título a este trabalho, “com parente não se neguceia”. Segundo esse feirante, nos negócios sempre um sai ganhando e o outro sai perdendo. O negócio é percebido como imoral, pois significa obter vantagem à custa do trabalho alheio.

Vender a própria produção e valorizar seu trabalho monetariamente é denominação da autonomia camponesa. A feira é um espaço de negócio que se opõe à campesinidade, ocorrendo fora do território camponês.

O termo trabalhar possui um significado positivo moralmente como uma atividade honrada. Viver do negócio possui uma interpretação negativa, pois o negócio é então a negação da reciprocidade e do trabalho. Conseqüentemente, neste contexto, nega-se também a campesinidade (WOORTMANN, 1987).

Um dos elementos centrais da ordem moral camponesa é a hierarquia familiar. Entretanto, vários movimentos de reintegração à sociedade moderna nacional ameaçam o coletivismo interno da família e a força da comunidade. A unigenitura é parte de uma tradição que possibilita a continuidade do campesinato no mundo moderno (LOUREIRO, 1983).

Destaca-se que um dos fatores de subsistência do campesinato através da história é o coletivismo interno da família. Atualmente, ele parece se chocar com projetos individuais. Sendo assim, pode se tornar uma das fontes da crise do campesinato (WOORTMANN, 1987). Segundo Bourdieu (1962), o coletivismo interno começa a apresentar fissuras que se expressam pela recusa dos filhos em aceitar o destino camponês, o que dificulta as práticas matrimoniais e a preservação do patrimônio.

De acordo com Taussig (1983), houve drásticas transformações morais da sociedade, dentro da qual a natureza e o trabalho do homem são redefinidos como mercadoria. Woortmann (1987) conclui que algumas denominações como Terra, Trabalho e Família formam grupos de classes correlacionadas que referem-se a um ordenamento moral do mundo. Por outro lado, Sítio, Colônia e Comunidade da Amazônia e mesmo a fazenda, são locais de reciprocidade, e contrários ao negócio e ao cativo. A reciprocidade segundo ele liga-se com outros conceitos. A honra e a hierarquia é que caminha junto com a generosidade.

Barbosa (2002) explica que ao assinalar que os povos indígenas são os principais protagonistas que concretizam, com a sua vivência, os primeiros saberes de plantas, águas, assim como os valores de vida da biodiversidade deste bioma.

Segundo Almeida e Ratts (2005) e Gomes (2008), faz-se necessário entender o Cerrado como um bioma que se desdobra em vários ambientes, classificados por suas fitofisionomias. O Cerrado tem relevância pela potencialidade hídrica, destacando o aquífero Guarani que dá origem a grandes bacias como o Rio São Francisco, Araguaia e Platina. O solo e as condições do relevo o tornam um dispersor de água, e a sua localização contribui para outros biomas, assim como para o enriquecimento da diversidade biológica.



Uma preocupação central com esse bioma é o fato de ter sido, ao longo do tempo, ocupado e transformado, como descreve Silva (2008), sintetizando esse processo de ocupação de início pela mineração, ferrovias, agropecuária e que mais impactou o Bioma e seus componentes. Segundo a mesma autora, foi o que procedeu com a atividade da monocultura reduzindo drasticamente a biodiversidade, tendo certo alvo inserido pela agricultura moderna e capitalista.

A importância cultural e histórica dos Karajá demonstra a sua criação nas águas do rio Araguaia, que se mantinham através da pesca, caça e plantação de mandioca, tradições que foram se perdendo com o avanço do homem branco e suas empresas capitalistas para essas regiões transformando drasticamente o Cerrado, segundo Barreira (1997), Deus (2004), Arrais (2004) e, especialmente, Mendonça (2004).

A modernização da agricultura e a ação turística obrigaram os sujeitos locais a transformarem seus hábitos, costumes e táticas de relações com a natureza. A perda da biodiversidade motivada pela perda do lugar envolveu também a contaminação simbólica do grupo. Há situações de conflitos internas e externas, incluindo as novas gerações que se opõem aos mais velhos que tentam manter as tradições e a descaracterização da língua local pela comunicação urbana, danificando a sua identidade e perdendo os costumes tradicionais – sendo necessário reforçar os pertences à nova geração e fortalecer as práticas econômicas da tradição Karajá visando seu subsídio.

Uma ênfase sobre a temática destaca-se a obra “Caminhos e Fronteiras” que não é apenas o título do livro de Sérgio Buarque de Holanda (1994), mas é toda sua obra, onde a realidade está sintetizada no movimento dos caminhos e nas tensões das fronteiras. Lançando mão de uma pesquisa minuciosa que tem como base o fazer e o refazer cotidiano, o autor vai construindo dialeticamente a interação meio/sociedade/cultura, isto é, a relação tensional entre patamares diferentes de civilização consubstanciados.

Sua obra é elaborada em torno da ideia de movimento, das tensões do devir, onde realidade, método, estilo são a mesma coisa. Essa obra foi transformar uma sociedade rústica em democrática, quase igualitária, na qual as diferenças entre brancos e índios foram anuladas pela miscigenação que criou a "raça especial" – o paulista.

## **CONCLUSÃO**

Analisando o trabalho de Scott (1985, 1998), verifica-se que a resistência cotidiana é muito importante, inclusive na constituição de entendimentos e dos repertórios de ação que se destaca nas grandes explosões da sociedade, o fundamental é compreender as complicações e discordâncias dessa resistência.

Os dois transcritos: o público e o escondido propiciam uma ferramenta proveitosa para estudar as relações de dominação e tipos de resistência cotidiana, eles devem ser articulados com uma teoria mais aprimorada da ação para estudar a resistência cotidiana e seus resultados em situações de dominação complicadas e indiretas.

Entretanto, o questionamento de Scott traz resultados do seu modelo algo ingênuo e voluntarista da ação humana e muito da resistência cotidiana fundamenta-se em manipular as relações com os poderosos para conquistar pequenos benefícios. Assim sendo, ele não se preocupa com os resultados discordantes e imprevistos dessa resistência.

Concluimos que uma comunidade para ser considerada camponesa não necessita necessariamente deixar de utilizar os recursos tecnológicos da atualidade. Basta preservar seus hábitos, tradições e costumes, perpetuando seu conhecimento entre gerações. O envolvimento harmônico entre as comunidades rurais, camponesa e/ou indígenas, em relação à preservação do meio ambiente se destaca, pois os mesmos reconhecem que necessitam dos recursos naturais provenientes da biodiversidade, assim na maioria das vezes fazem o uso consciente destes, respeitando a fauna e flora local.

Contudo, existe interpretações controversas em relação à terra, de um lado grupos de pessoas como os camponeses e indígenas que adaptam suas necessidades à terra, e do outro lado uma relação capitalista onde a terra é caracterizada como um objeto de mercadoria visando apenas o lucro. Os produtos produzidos por comunidades tradicionais são comercializados fora do ambiente familiar, existe a crença de que em um negócio um sempre sai perdendo, o que entra em contradição com sua moral.

Conforme observado, os camponeses possuem uma cultura de práticas tradicionais características, algumas destas até semelhantes à dos indígenas, como por exemplo, o sentimento de preservação dos recursos naturais, pois eles sabem que necessitam da biodiversidade que a natureza oferece para coexistirem.

Observamos ainda que eles vivem como uma verdadeira comunidade, o que é difícil de se presenciar nos dias atuais. Constatamos através das obras estudadas que há povos que resistem em manterem suas tradições, seus costumes, e principalmente sua moral. Existem povos que foram e continuam sendo importantes para a história, tais como os indígenas, camponeses e a própria comunidade urbana. Todos têm a sua contribuição no cenário capitalista e cultural. Assim, os mesmos devem manter suas características locais e contribuir cada um de sua forma na preservação da biodiversidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2005.
- ARRAIS, T. P. A. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.
- BARBOSA, A. S. **Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do Cerrado**. Goiânia: EdUCG, 2002.
- BARREIRA, C. C. M. A. **Região da estrada do boi: usos e abusos da natureza**. Goiânia: EdUFG, 1997.
- BOURDIEU, P. Célibat et condition paysanne. **Études rurales**, Béarn, v. 5-6, p. 31-71, 1962.
- DEUS, J. B. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, M. G. (Org.). **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: UFG-IESA, 2004.
- GARCIA JÚNIOR, A. R. **O sul: o caminho do roçado**. 1990. 285 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- GOMES, H. A nova matriz espacial do território goiano. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). **Universo do Cerrado**. Goiânia: EdUCG, 2008. (v. II).
- HOLANDA, S. B. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LOUREIRO, M. R. Família e controle do processo de trabalho na agricultura. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 7, Águas de São Pedro. **Anais...** Águas de São Pedro: [s.n.]. 1983.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura do capital e do trabalho no capital do sudoeste goiano**. 2004. 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MENDRAS, H. **Sociétés paysannes**. Paris: Armand Colin, 1976.

POPKIN, S. L. **The rational peasant: the political economy of rural society in Vietnam**. Berkeley: University of California Press, 1979.

SANTOS, J. V. T. **Os colonos do vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCOTT, J. C. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven: Yale University Press, 1985

\_\_\_\_\_. **Seeing like a state: how certain schemes to improve the human condition have failed**. New Haven, Conn: Yale University Press, 1998.

SILVA, E. B. **Taxas de desmatamento anuais no bioma cerrado: uma análise a partir de dados modais para o período de 2003 a 2007**. 2008. 87 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

TAUSSIG, M. **The devil and commodity fetishism in South America**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1983.

VELHO, O. G. **Frentes de expansão e estrutura agrária**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. Sete teses equivocadas sobre a Amazônia. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 31-36, 1983.

WOORTMANN, E. F. Família, matrimônio e patrimônio. In: SEMINÁRIO SOBRE A MULHER RURAL, I, Nova Friburgo, **Anais...** Nova Friburgo: s. n., 1987. n. p.